



DEBATE

Cada um no seu lugar?,
por Victor Pereira

Análise Social, 218, LI (1.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



CADA UM NO SEU LUGAR?

Victor Pereira

A resposta de João Teixeira Lopes à minha recensão do seu livro suscita-me três interrogações que, apesar da expansão, internacionalização e diversificação recentes, talvez ajudem a definir algumas características do campo das ciências sociais em Portugal.¹

A primeira interrogação decorre, na verdade, de uma surpresa. Fiquei surpreendido que a minha recensão tenha sido qualificada de “muito crítica”. Não foi o meu objetivo ser muito crítico e, relendo o texto, que realça aspectos positivos da obra, não me parece que o tenha sido. Leio quotidianamente recensões muito mais ferozes em revistas académicas ou em alguns *sites* dedicados a este exercício basilar da prática científica. No entanto, é verdade que, em comparação com revistas estrangeiras, o espaço concedido às recensões na maioria das revistas de ciências sociais portuguesas é diminuto. Será esta ausência de “cultura” de recensão crítica que pode explicar que João Teixeira Lopes considere “muito crítica” uma leitura que expõe desacordos e aponta o que lhe parecem ser insuficiências? O campo académico português parece-me ainda longe de um ideal democrático de discussão, no sentido em que de cada investigador, respeitando obviamente regras de honestidade intelectual, pode discutir o trabalho de qualquer outro investigador, qualquer que seja a sua posição institucional e seja ele quem for. Julgo assim escusado que, num diálogo que se pretende crítico, Teixeira Lopes, ao invés de se concentrar apenas e só no conteúdo das críticas, se dedique a especular acerca das origens sociais de quem o critica (aludindo, por mais do que uma vez, a uma minha suposta “dívida de classe”), desvalorizando os seus argumentos, e a deturpar os pressupostos de análise.

A segunda interrogação remete para a permanência de barreiras disciplinares entre as ciências sociais. João Teixeira Lopes considera que me faltou “prudência” quando ousei recensar um livro de sociologia, disciplina que trabalha com conceitos que não dominaria. Esta minha (eventual) imprudência tem uma origem que Teixeira Lopes não percebe porque não parece conhecer o campo dos estudos acerca das migrações em França. Esta área das ciências sociais, caracterizada pelo seu acentuado cariz transdisciplinar, desenvolveu-se apenas na década de 1980. Gérard Noiriel, um dos primeiros historiadores a tornar a imigração um objeto de estudo legítimo, influenciou inúmeros trabalhos de historiadores, sociólogos, politólogos e antropólogos, cujos trabalhos dialogam e ultrapassam largamente as barreiras disciplinares.

1 Resposta ao debate iniciado em Lopes, J. T. (2015), “Onde Pereira vê hierarquias, eu proponho relações. A propósito da minha obra *Geração Europa? Um Estudo sobre a Jovem Emigração Qualificada para França*”. *Análise Social*, 217, 1 (4.º), pp. 668-671.

A sociologia, como a história, não é monolítica e alguns sociólogos, como Bernard Lahire, prezam os contributos e a metodologia dos historiadores. É certo que cada disciplina possui uma “história e institucionalização próprias, um percurso de autonomia e uma acumulação de protocolos de cientificidade adaptados aos seus contextos de enunciação”. Mas apesar da minha formação de historiador permito-me discordar do atestado de deslegitimação que me foi passado.

De facto, interroguei o uso do termo “Geração Europa” (com ponto de interrogação no título, é certo, mas sem ele no interior do texto (p. 91)) porque o conceito “geração Europa” não me parece suficientemente explicitado. O que é uma geração “que se move à vontade na diversidade” (p. 91)? Quando pergunto “como se pode provar que a geração atual é mais europeia que a(s) precedente(s)?”, Teixeira Lopes põe esta interrogação na conta de uma “dívida”, de classe, imagino, que eu teria em relação aos emigrantes não qualificados. Teixeira Lopes não parece perceber que quero apenas compreender por que se intitula europeia esta geração, enquanto faz já quase 60 anos que os portugueses não qualificados, qualificados, ou muito qualificados, alargaram os “seus campos de possíveis”, deslocando-se em massa, temporária ou definitivamente no continente europeu, e que já passaram 30 anos desde a entrada de Portugal na Comunidade Europeia. Procuo apenas ser cuidadoso, como alertou Lahire (2005, p. 43), para evitar sobre-interpretações. Teixeira Lopes sugere que critico, por desconhecimento, o conceito de geração (que tem a sua própria historicidade), quando apenas interrogo as suas “instrumentalizações políticas” e mediáticas, que os próprios sociólogos apontaram há muito tempo (Attias-Donfut, 1988). Parece-me que tal como é desenvolvida no livro, a expressão “geração Europa” corre o risco de se reduzir a um *slogan*, uma declinação das inúmeras “gerações” que se encontram nos *media* (“y”, “silenciosa”, etc.) e que podem constituir obstáculos à compreensão dos processos coletivos e individuais.

A última interrogação colocada pela resposta de João Teixeira Lopes, assim como pelo seu livro, é o da autonomia dos cientistas sociais perante as instituições que encomendam investigações. Estas encomendas são antigas e sociólogos relevantes realizaram várias. Não é tanto a colaboração entre investigadores, empresas e instituições estatais que é problemática. Mas, quando “o caderno de encargos preciso” impede o investigador de colocar os problemas pertinentes do ponto de vista das ciências sociais, a situação muda de figura. Como escrevia Marc Bloch, para o investigador, o fundamental é colocar as boas perguntas. Ora, o que tentei explicar na minha recensão, é que a pergunta subjacente ao estudo do João Teixeira Lopes parecia-me mal colocada porque ficava presa a categorias de entendimento nacionais, concentrando-se na relação entre os jovens emigrantes com a sociedade portuguesa, ocultando assim outros processos fundamentais inerentes aos processos emigratórios que descreve. Nunca sugeri que se deve privilegiar o estudo dos não-qualificados ao dos qualificados. Esta dicotomia e a fronteira que cria deveria, aliás, ser discutida.

Acho apenas que o seu estudo não está suficientemente alicerçado nos trabalhos que estudaram as mobilidades intra-europeias e que põem em relevo vários atores cuja ação não se reduz a uma dimensão nacional, como as empresas de recrutamento referidas por vários entrevistados. Diz João Teixeira Lopes que sobre a emigração qualificada “rareiam ainda os estudos científicos”. Não vou aqui dizer que estes estudos são abundantes, mas esta raridade parece-me relativa. Existem, desde os anos 1990, vários contributos relevantes: os de João Peixoto (1999), sobre a mobilidade internacional dos quadros, de Ana Delicado (2010), sobre a dos investigadores e, mais recentemente, de Cláudia Pereira (2015), sobre a dos enfermeiros². Entendo que o estudo de João Teixeira Lopes se centre “nos percursos biográficos emigratórios”, mas parece-me fundamental compreender as estruturas nas quais evoluem estas mobilidades e, mais particularmente, como sugeri, os campos profissionais nos quais se inserem estes emigrantes. João Teixeira Lopes pretende que a minha recensão testemunharia da “ingenuidade própria de quem faz uma economia das dificuldades de pesquisa de terreno em contextos de informalidade, nos interstícios da legalidade e do segredo”. Não entendo se esta afirmação é apenas um argumento de autoridade – a primazia do terreno supostamente difícil – ou se João Teixeira Lopes acredita mesmo que os jovens licenciados portugueses residentes em França, cidadãos europeus, vivem na “informalidade, nos interstícios da legalidade e do segredo”, como milhares de imigrantes extra-comunitários, sem documentação, explorados pelos empregadores, vítimas de xenofobia, receando de um dia para o outro serem expulsos do país. Se é o caso, só posso aconselhar a leitura do trabalho de Nicolas Jounin (2008) ou, no caso americano, de Sébastien Chauvin (2010), exemplos de pesquisas de terreno difíceis que permitiriam a João Teixeira Lopes enquadrar – e não hierarquizar – melhor a sua pesquisa.

Não tendo espaço para refutar tudo aquilo que sem fundamento me é atribuído e para repetir a minha interrogação sobre a ausência de qualquer recomendação sobre a participação política dos portugueses no estrangeiro, resta-me apenas convidar os leitores a lerem o livro de João Teixeira Lopes para forjarem a sua própria opinião e, sendo este estudo exploratório, esperar o seu próximo contributo.

2 A publicação desta obra é posterior ao estudo de João Teixeira Lopes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTIAS-DONFUT, C. (1988), “La notion de génération. Usages sociaux et concept sociologique”. *L’Homme et la société*, 90 (4.º), pp. 36-50.

CHAUVIN, S. (2010), *Les agences de la précarité. Journaliers à Chicago*, Paris, Seuil.

DELICADO, A. (2010), “Going abroad to do science: mobility trends and motivations of Portuguese Researchers”. *Sciences Studies*, 23 (2.º), pp. 36-59.

JOUNIN, N. (2008), *Chantier interdit au public. Enquête parmi les travailleurs du bâtiment*, Paris, La Découverte.

LAHIRE, B. (2005), *L’esprit sociologique*, Paris, La Découverte.

PEIXOTO, J. (1999), *A Mobilidade Internacional dos Quadros. Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

PEREIRA, C. (2015), *Vidas Partidas. Enfermeiros Portugueses no Estrangeiro*, Loures, Lusodidacta.

PEREIRA, V. (2016), *Debate* “Cada um no seu lugar?”. *Análise Social*, 218, LI (1.º), pp. 217-220.

Victor Pereira » victor.pereira@univ-pau.fr » Université de Pau et des Pays de l’Adour, Département d’Histoire » Domaine Universitaire, Avenue du Doyen Poplawski — 64000 Pau, France.
